

O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos

The influence of the transgenerational phenomenon on the family life cycle of couples with small children

El fenómeno de la transgeneracionalidad en el ciclo de vida familiar: pareja con hijos pequeños

Laura Dal Bello^{1,*}, Marlene Magnabosco Marra²

Dal Bello L  <https://orcid.org/0000-0003-2025-561X>

Marra MM  <https://orcid.org/0000-0002-4353-5676>

RESUMO: O presente trabalho investiga a influência do fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar de casal com filhos pequenos. A partir dos dados levantados por meio de genogramas, foi possível obter uma leitura sistêmica a respeito da família de origem de cada um dos cônjuges, bem como da família nuclear por eles constituída. Durante as sessões de terapia de casal, foi trabalhado, entre outros temas, o conceito de diferenciação do *self*, possibilitando ao casal o entendimento acerca da origem de seus problemas conjugais, os quais emergiram após o nascimento das filhas. Como consequência, o casal pôde vivenciar mudanças evolutivas na relação conjugal, confirmando o que a terapia boweniana diz sobre o entendimento ser o veículo de cura.

Palavras-chave: Transgeracionalidade, Ciclo de vida familiar, Terapia de casal, Diferenciação do *self*, Genograma.

ABSTRACT: This work investigates the influence of the transgenerational phenomenon on the family life cycle of couples with small children. As of collection of data from genograms, it was possible to obtain a systemic reading on the family origin of each spouse, as well as the nuclear family constituted by them. During the couple's therapy sessions, they worked on the concept of self-differentiation, allowing the couple to understand the origin of their marital problems, which emerged after the birth of their daughters. As a consequence, the couple may experience evolutionary changes in their marital relationship, confirming what the Bowenian Therapy says about understanding as to the vehicle of healing.

Keywords: Transgenerationality, Family life cycle, Couple therapy, Self-differentiation, Genogram.

RESUMEN: El presente trabajo investiga la influencia del fenómeno de la transgeneracionalidad en el ciclo de vida familiar de pareja con hijos pequeños. A partir de los datos levantados por medio de genogramas, fue posible obtener una lectura sistémica al respecto de la familia de origen de cada uno de los cónyuges, así como de la familia nuclear constituida por ellos. Durante las sesiones de terapia de pareja, fue trabajado, entre otros temas, el concepto de diferenciación del *self*, posibilitándole a la pareja el entendimiento acerca del origen de sus problemas conyugales, los cuales emergieron después del nacimiento de sus hijas. Como consecuencia, la pareja pudo vivenciar cambios evolutivos en la relación conyugal, confirmando lo que la terapia boweniana dice sobre que el entendimiento es el vehículo de cura.

Palabras-clave: Transgeneracionalidad; Ciclo de vida familiar; Terapia de pareja; Diferenciación del *self*; Genograma.

1. Instituto de Pesquisa e Intervenção Psicossocial – Brasília (DF), Brasil

2. Universidade de Brasília – Departamento de Psicología Clínica e Cultura – Brasília (DF), Brasil

*Autora correspondente: lmdalbelo@gmail.com

Recebido: 18 Mar 2020 – Aceito: 08 Jun 2020

Editora de Seção: Rosalba Filipini



Eu me aproximei para ver o que seria minha casa para o resto da minha vida. Ela não era particularmente velha ou bonita, mas claramente cresceu com a família. Tinha quatro andares, um para cada geração: bisavós, avós, pais e filhos. . . . Em cada geração, a casa se tornara cada vez menor e cheia de gente, cada quarto tinha sido dividido ao meio para fazer dois.

Amy Tan, 1989 (Tradução de M. Andolfi, 2019, p. 45)

O pensamento sistêmico tem sido aplicado a diferentes áreas de estudo. Sua máxima é a de que o todo é maior que as partes. A partir desse entendimento, o modelo linear de causalidade passa a ser substituído por um modelo circular. Em outros termos, um padrão interativo passa a sobrepor-se ao padrão de causa e efeito (Churchman, 2015; Von Bertalanffy, 2008). Andolfi (2019, p. 24) pontua que o interesse do observador não está mais focado em fenômenos isolados, mas em “complexidades organizadas”.

Observa-se correlações entre a terapia sistêmica e o psicodrama, na medida em que Moreno antecipou-se aos terapeutas sistêmicos ao concentrar sua atenção nas relações entre pessoas que compõem um grupo. Nesse momento, a família passou a ser compreendida como uma combinação entre pais e filhos, entre marido e mulher. As contribuições do autor no âmbito da terapia familiar e de casais são bem conhecidas entre os terapeutas familiares sociodramatistas, assim como sua perspectiva sistêmica e inovadora (Vitale, 2004).

Emergindo na década de 1950, o pensamento sistêmico demonstra ampla relação com a Terapia Familiar. Terapeutas familiares enxergam a família como um sistema composto de vários subsistemas, tais quais o sistema conjugal, o sistema paterno e materno, o sistema filial, o sistema fraterno e assim por diante. Todos esses sistemas funcionam com base nos padrões familiares relativos à hierarquia, fronteiras, comunicação e lealdades invisíveis, entre outros (Bucher-Maluschke, 2008).

A fim de compreender o processo de repetição dos padrões de relacionamento em sucessivas gerações, a abordagem sistêmica propõe o conceito de transmissão transgeracional (Bowen, 1978). Para Bowen, o nível de diferenciação de cada indivíduo membro de uma família determina a intensidade da repetição de padrões ao longo das gerações. Na opinião do autor, a transmissão dos padrões está intimamente relacionada ao processo emocional da família, tendo início antes mesmo de o indivíduo nascer (Celestino & Bucker-Maluske, 2015).

Ao encontro desse entendimento, Wagner (2014) afirma que o fenômeno da transmissão transgeracional é constituído a partir de uma perspectiva histórica, dando identidade à família e explicando o significado das idiossincrasias, bem como das transações que caracterizam o funcionamento familiar da última geração. A autora afirma que ninguém vive e se desenvolve sem família. Contudo, pode chegar a sobreviver.

No mesmo sentido, Groisman (2012) discorre que não é possível alguém viver sem família ou alguma organização que a substitua. O autor esclarece que o ser humano procura, desde o nascimento, caminhar para a sua independência e é, ao mesmo tempo, um ser dependente e relacional, pois necessita ter um suporte para o seu desenvolvimento.

Como previsto pelo fenômeno transgeracional, ao longo da vida, os membros mais jovens de uma família serão atingidos por uma série de significados e valores transmitidos pela história das gerações anteriores, o que decorre por meio das memórias, dos eventos, das tradições sociais e rituais dos pais ou dos avós, informando sobre relações e padrões de comunicação do passado. Portanto, a nova família constituída, ainda que não perceba, irá repetir padrões familiares presentes nas gerações anteriores (Wagner, 2014).



Nesse sentido, a ideia é a de que a identidade cultural da família decorre desse sistema de valores e crenças que, muitas vezes, é ampliado pelas normas e costumes de um contexto social específico e transmitido ao longo das gerações. Esse sistema influenciará a forma como serão exercidos os papéis familiares: pai, mãe, filhos, irmãos e como serão enfrentados os eventos vitais importantes como mortes, separações, nascimentos etc. (Andolfi, 2019).

São esses importantes eventos vitais que integram o ciclo de vida familiar, um modelo teórico que contempla a evolução da família como um processo dinâmico, caracterizado por determinadas fases do desenvolvimento, que desencadeiam uma mudança e uma reorganização do sistema familiar. Sob essa perspectiva, portanto, o ciclo de vida familiar permite identificar a fase na qual a família está, bem como avaliar a mudança e o processo de reorganização da família na transição de uma etapa para outra. Consoante ao fenômeno da transgeracionalidade, nos períodos de transições familiares, todo o sistema familiar é afetado pela pressão e carga de uma transformação que abrange várias gerações (Andolfi, 2019).

Diversos autores dividiram o ciclo de vida familiar em diferentes números de estágios. Como exemplo, é possível citar a análise de Durvall (1977) que separou o ciclo de vida familiar em oito estágios, todos relacionados às idas e vindas dos membros da família, tais como morte, casamento e nascimento. Rodgers (1960), por sua vez, fez uma análise mais complexa, propondo um esquema de vinte e quatro estágios. Contudo, o modelo a ser adotado neste trabalho será o descrito como estágios do ciclo de vida familiar por Carter e McGoldrick (1995).

Carter e McGoldrick (1995) discorrem sobre a complexidade por trás do ciclo de vida familiar, comparando-o a um espiral da evolução familiar, na medida em que as gerações avançam no tempo, em seu desenvolvimento, do nascimento à morte. As autoras equiparam esse processo familiar à música, “em que o significado das notas individuais depende de seus ritmos em conjunção uns com os outros e com as lembranças de melodias passadas e a antecipação daquelas que ainda estão por vir” (p. 144). Conforme esse entendimento, pode-se inferir a influência da transgeracionalidade no ciclo vital da família.

Especificamente sobre o ciclo de vida familiar: família com filhos pequenos – estágio o qual irá restringir-se o presente estudo –, Carter e McGoldrick (1995) expõem que são comuns brigas conjugais sobre assumir responsabilidades, bem como sobre a recusa ou a incapacidade de comportar-se como pais de seus filhos, problemas que podem ocorrer quando o casal não consegue fazer a mudança de estágio. Pais que se apresentam clinicamente nesta fase, de alguma forma não estão aceitando a fronteira geracional entre eles e seus filhos.

OBJETIVOS

Como objetivo geral, o presente estudo de caso pretende demonstrar a influência do fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: casal com filhos pequenos, tendo como base as histórias de Felipe e Paula. O casal está junto há quatorze anos e afirma que as dificuldades na relação tiveram início há cinco, após o nascimento da primeira filha.

Como objetivo específico, pretende-se utilizar o genograma para clarificar o entendimento a respeito da influência da família de origem no estágio vital familiar em que Felipe e Paula se encontram, demonstrando como essa influência pode afetar suas vidas no presente. Uma vez alcançado esse entendimento, o casal poderá se diferenciar de suas famílias de origem e conquistar mais autonomia tanto em suas vidas quanto nas escolhas a serem feitas daquele momento em diante (Bowen, 1978).



MÉTODO

PARTICIPANTES

A Tabela 2 descreve o perfil dos participantes:

Tabela 2. Dados relevantes dos participantes

Cônjuge (nomes fictícios)	Idade	Posição entre os irmãos	Nível Escolar	Profissão	Descendentes (nomes fictícios)
Felipe	38 anos	Primogênito	Superior incompleto	Corretor de vendas	1ª filha: Sofia, 18 anos 2ª filha: Bianca, 5 anos 3ª filha: Elisa, 1 ano 4º filho: Nascituro
Paula	35 anos	Primogênita	Superior incompleto	Gerente de vendas	1ª filha: Bianca, 5 anos 2ª filha: Elisa, 1 ano 3º filho: Nascituro

INSTRUMENTO

Utilizou-se o genograma como ferramenta de coleta de dados, uma das técnicas mais importantes da terapia boweniana. Trata-se de um diagrama temático que lista os membros da família e seus relacionamentos. Bowen enxerga a terapia como uma oportunidade de as pessoas aprenderem mais sobre si mesmas e sobre seus relacionamentos, podendo, assim, assumir a responsabilidade pelos próprios problemas. Para ele, o entendimento seria o veículo de cura. Por sua vez, é o genograma que vem proporcionar esse entendimento ao sujeito, tornando possível enxergar o próprio papel nos problemas familiares e como esses problemas estão inseridos na história da família ampliada (Bowen, 1978).

Andolfi (2019) conceitua genograma como um “mapa tridimensional da família”, “um gráfico fundamental utilizado por terapeutas do mundo inteiro para observar a composição da família, em pelo menos três gerações, com os eventos mais significativos, como nascimentos, mortes, vínculos, separações conjugais entre outros” (p. 31). Segundo o autor, a partir desse “mapa”, é possível formular hipóteses relacionais e criar um projeto terapêutico.

A utilização do genograma para a visualização das relações familiares permite que se trace um panorama dessas relações em dois sentidos: vertical e horizontal. O modo horizontal diz respeito ao contexto atual da família, ou seja, a família nuclear; o vertical à dimensão histórica das gerações. Compreende-se as relações sob o ponto de vista histórico, construindo uma história que revela as transições da família e as mudanças processuais e contextuais das famílias coexistentes em um determinado tempo (Ceberio, 2004).

Penso, Costa e Ribeiro (2008) por sua vez relatam que, como instrumento de avaliação, o genograma evidencia as alianças, as coalizões, as triangulações, as hierarquias, os mandatos, as crises, a indicação de segredos, possibilitando que se faça uma leitura sistêmica da família, que envolva a estrutura e a organização desse sistema.

Em 1935, Moreno cria um mapa das influências mais importantes da vida de uma pessoa, instrumento considerado um predecessor do genograma. A partir desse mapa, o autor analisa o átomo social de determinados indivíduos, bem como o ambiente ao redor deles, a relação com pais, cônjuge, irmãos, amigos e pessoas significativas (Marineau, 1992).

Diante do exposto, é possível afirmar que a utilização do genograma parte do pressuposto de que a família possui uma história que vai além da família nuclear, alcançando a família extensa. Por essa razão, mostra-se indispensável ao estudo da transgeracionalidade familiar, como no caso clínico objeto de pesquisa.



PROCEDIMENTOS

Este trabalho, de natureza qualitativa, consiste em um estudo de caso clínico. Do ponto de vista de método de pesquisa, os estudos de caso contribuem para a compreensão detalhada de fenômenos complexos, em uma perspectiva do mundo real e holística. O uso do estudo de caso na psicologia, em específico, pode cobrir a análise de condições referentes ao comportamento humano que se estendem por um determinado período de tempo. Ademais, inclui aspectos contextuais que favorecem a compreensão em profundidade do caso (Yin, 2015). Particularmente nas pesquisas sobre psicoterapia, os estudos de caso possibilitam entender o processo de mudança, bem como a análise longitudinal e subjetiva do encontro terapêutico (Pellegrini, Silva, Barreto, & Crepaldi, 2015).

O caso clínico refere-se a atendimentos de terapia de casal, com abordagem sistêmica, em sessões mensais, com duração de uma hora e trinta minutos cada. Transcorreu-se o total de nove sessões, entre novembro de 2018 e junho de 2019, sendo sete na presença de ambos os cônjuges e duas sessões individuais, uma com cada um deles. Os atendimentos foram discutidos em grupos referentes às supervisões dos alunos de pós-graduação em Terapia Familiar e Casais, no INTERPSI, na cidade de Brasília, com encontros mensais, orientados pela doutora e professora responsável. Foram empregados nomes fictícios com o intuito de se preservar a identidade do casal, bem como de seus familiares. Os participantes autorizaram a publicação do estudo e foram tomadas as devidas precauções para se omitir informações que pudessem contribuir para a identificação da família.

As sessões não foram filmadas ou gravadas, porém, anotações escritas foram realizadas pela terapeuta. Não havia um roteiro pré-estabelecido, entretanto, aconteceram intervenções por parte da terapeuta durante as narrativas do casal. As sessões subsequentes foram planejadas de acordo com as demandas trazidas nas sessões anteriores. Foi possível realizar a análise dos resultados a partir dos dados levantados tanto por meio dos genogramas quanto por meio das narrativas do casal, o que possibilitou a concretização do estudo do caso em questão.

DISCUSSÃO

AS HISTÓRIAS DE FELIPE E DE PAULA

A concepção da família de origem como um recurso no trabalho com casais e famílias, segundo Andolfi (2019), nasceu da convicção de que existem forças transgeracionais que exercem uma influência crítica sobre os relacionamentos atuais. De acordo com esse entendimento, as histórias que Felipe e Paula viveram em suas famílias de origem, contribuem para a maneira a qual ambos vão construir a família nuclear e se relacionar.

Nesses termos, é possível inferir que a relação conjugal de Felipe e Paula, ainda que seja influenciada pela fase do ciclo de vida familiar de filhos pequenos (Carter & McGoldrick, 1995), recebe influências transgeracionais que controlam seus comportamentos, mesmo que ambos não tenham consciência disso, podendo afetar negativamente suas vidas.

Segundo Moreno (1975), o ser humano aprende por um processo de coexistência, de convivência e de coação. A transgeracionalidade será considerada um problema somente se a forma de transmissão ou os padrões transmitidos impedirem o crescimento, seja obrigando a repetição e a submissão, seja tolhendo a criatividade e a espontaneidade de cada um, ou, impossibilitando o desenvolvimento da individuação e da autonomia dos integrantes do sistema familiar (Seixas, 2010).

Felipe é o filho mais velho do primeiro casamento de sua mãe, Karla. Quando seu irmão estava com um ano de idade e ele três, seus pais se divorciaram em razão das desgastantes agressões físicas e verbais decorrentes do alcoolismo do pai.



Após o divórcio, Felipe passava o dia com a avó paterna enquanto a mãe trabalhava. Logo, sua mãe se casou com Otávio, com quem está junto até hoje. Porém, Felipe odiava a forma que Otávio tratava sua mãe e lhe tratava. Diz que ele era muito grosseiro com Karla, não a deixava gastar dinheiro com os filhos e que, sempre que lhes comprava algum presente, tinha que entregar escondido para evitar brigas.

Felipe morou até os dezessete anos com sua mãe, seu irmão, seu padrasto e sua irmã caçula, fruto do casamento de Karla e Otávio. Conta que, na época, não aceitava a gravidez da mãe: “*me sentia como se minha mãe estivesse traindo meu pai*”.

Visher e Visher (1979), sobre as reações dos filhos ao recasamento, ressaltam as lealdades divididas, as fantasias sobre a reunião dos pais biológicos, o fazer parte de duas famílias, além da suposta culpa por ter provocado o divórcio. Carter e McGoldrick (1995), sobre “a mulher, o segundo marido e os filhos da mulher”, discorrem que o novo cônjuge é visto tanto como um salvador quanto como um intruso. “Ele deve ajudar sua esposa na tarefa de criar os filhos dela, mas talvez não o deixem entrar no sistema, que tem uma longa história antes do aparecimento dele, podendo ter ficado ainda mais fechado no intervalo entre os casamentos da mãe” (p. 362).

Felipe diz que sua mãe ainda hoje odeia Bruno, o ex-marido, e sempre impediu os filhos de se relacionarem com o pai. Na infância, Felipe diz ter sido muito rebelde, pois não aceitava sua vida, uma vez que via todos os seus amigos “*tendo um pai*” e ele não tinha. Hoje, diz sentir pena do pai. Diz que gostaria de “*liberar a vida dele*”, “*de perdoá-lo*”. O último contato pessoal que tiveram foi no enterro da avó. Antes disso, nas poucas comunicações estabelecidas, normalmente por telefonemas, Felipe recorda que o pai lhe dizia: “*Você é o cara sensato da família; você é diferenciado*”.

A terapia boweniana discorre que a melhor maneira de atingir a diferenciação do self é desenvolver um relacionamento individual, pessoa-a-pessoa, com cada um dos pais e com tantos membros da família ampliada quanto possível. “A diferenciação do self em relação à família se completa quando esses relacionamentos forem mantidos sem se tornarem emocionalmente reativos ou sem triangulação” (Nichols & Schwartz, 2007, p. 50). Apesar de Felipe desejar se diferenciar de seu pai, ainda não conseguiu e se afastou de Bruno.

Felipe afirma que é completamente diferente de sua família de origem, a qual é conhecida pelas negligências com todo tipo de compromissos, além do histórico de alcoolismo do pai. Sobre a tentativa de rejeição do padrão familiar de origem, Wagner (2014) afirma que, em muitos casos, se dá pela busca do modelo oposto. “Assim, seria como se encontrar com o outro lado da mesma moeda e, inevitavelmente o sujeito passa a sofrer consequências semelhantes àquelas do padrão vivenciado na família de origem” (Wagner, 2014, p. 27).

Felipe conta que por odiar morar com Otávio, próximo a completar dezoito anos, se mudou de cidade e foi morar na casa de sua tia, irmã de sua mãe, onde ficou até se casar. Durante aquele período, namorou uma jovem com quem teve uma filha, hoje com dezoito anos de idade.

Paula, assim como Felipe, também é filha de pais divorciados. Quando completou nove anos de idade e seu irmão sete, as agressões físicas e verbais entre seus pais se intensificaram, ao ponto de Paula ter que se colocar entre os dois “*para não se matarem*”.

Marra (2008, p. 63) relembra o entendimento de Moreno (1994), de que “a família é um grupo social complexo formado por diversos agrupamentos ou subsistemas que interagem, originando diversos conflitos intergeracionais”. A autora traz a figura do lar psicológico, ambiente no qual o indivíduo se desenvolve com base em vínculos com determinados núcleos de pessoas que devem oferecer proteção e estímulo. Marra afirma que tanto a atração quanto a repulsa são qualidades do lar. Dessa forma, todos que fizeram parte de uma família em gerações anteriores deixarão suas marcas ecoando através das gerações seguintes. →

Paula recorda-se que, por diversas vezes, disse: *“Mãe, pode ir embora com meu irmão que eu cuido do meu pai”*. Diz não ter memórias boas de sua infância, afirmando ter sido um período muito difícil em sua vida. Sua mãe, Conceição, nunca havia trabalhado e, de acordo com Paula, teve que se *“sujeitar a subempregos”*. O pai não ajudava em nada financeira ou emocionalmente, pois passou a viver às custas das namoradas. Os avós maternos passaram a pagar a escola, enquanto as demais necessidades, a mãe tentava suprir com seu salário.

Sobre a relação com a mãe, Paula diz se sentir como se estivesse *“pisando em ovos”*; que *“a qualquer momento ela pode explodir, é uma mulher muito perfeccionista, que não aceita que está errada, fala de todos, mas não olha pra si. Parece que não quer ser feliz, sabe?”*.

Quanto ao pai, Paula diz que moraram juntos por um período quando ainda era solteira. Havia brigado com a mãe e acabou saindo da casa dela. Porém, após pouco tempo, em uma discussão, Firmino agrediu-a com *“um forte tapa na cara”*. Sobre esse episódio, relata: *“Nesse dia caiu minha ficha de quem era meu pai, então, fui morar sozinha”*.

Paula fala que, após essa experiência, afastou-se de vez de seu pai. Diz que ele sempre foi muito grosseiro e crítico com ela, além de nunca ter sido afetuoso. Após o nascimento das filhas, tentou uma reaproximação, entretanto, todas as vezes nas quais se encontram, Paula fica decepcionada pela forma com a qual seu pai lhe trata e as *“bobagens que fala”*. Por esse motivo, prefere viver longe.

AS SESSÕES COM FELIPE E PAULA

Felipe empurrou a tela do celular em direção aos olhos da terapeuta. Ele havia anotado a frequência mensal das relações sexuais que mantinha com Paula. Simultaneamente, dizia: *“olha aqui: isso é para você ver que eu não estou mentindo. Esse mês que passou foi uma vez só”*. Paula, do outro lado, dizia: *“Ah, não vem não Felipe. Que mulher quer transar com um homem grosseiro que nem você? Olha o jeito que você fala comigo, olha o jeito que você fala com suas filhas! Você nunca pergunta como eu estou. Nunca pergunta como foi meu dia ou se eu preciso de alguma coisa. Você não conversa. Não vou transar com você mesmo não”*.

Após alguns segundos de silêncio, pensativo, Felipe respondeu: *“o problema da Paula é que ela sempre tem razão; nunca está errada! E, além disso, só gosta de mandar, quer mandar em tudo”*. Paula dá uma gargalhada irônica e responde com uma entonação alta e ríspida: *“Até parece! O problema é que eu faço tudo. Tudo sou eu. Eu trabalho o dia inteiro, chego em casa à noite e ainda vou cuidar das crianças. Quando vou deitar, estou exausta e ele vem querendo sexo depois de ter sido grosseiro comigo o dia inteiro”*.

Nesse momento, a terapeuta interrompe e pergunta, insinuando espanto: *“Então a Paula faz tudo e o Felipe não faz nada? Felipe não ajuda em nada?”*

Paula, diminui o tom de voz e responde, *“Não, ele me ajuda muito, sabe? Ele cuida de tudo na casa. É o nosso combinado. Eu cuido das crianças e ele cuida da casa. O Felipe é muito companheiro. Nesse sentido, eu não posso reclamar, não. O problema é que tudo pra ele é brincadeira. Olha o jeito que ele trata as pessoas, os amigos. Ele zoa o tempo inteiro. O problema é esse: eu não consigo conversar sério com ele”*.

Felipe e Paula encontram-se no estágio do ciclo de vida familiar de pais de filhos pequenos e estão tentando superar a crise que se instaurou com a chegada das crianças. Em sessão, sugerem que *“tudo piorou depois de ter filho”*. Conforme dados levantados por meio dos genogramas, foi nessa mesma etapa do ciclo de vida familiar que os pais de ambos, não conseguindo superar as crises e reinventar uma nova forma de conviver, se divorciaram de seus cônjuges. A narrativa de Carter e McGoldrick



(1995) é que, nessa fase de filhos pequenos, além de se ter que assumir a pesada responsabilidade de criar os filhos, o casal ainda precisa se esforçar para manter o próprio relacionamento.

O casal se queixou também sobre o comportamento da filha mais velha, Bianca. Reclamaram das constantes birras e da dificuldade que apresentava ao ser contrariada. A esposa esboçou seu incômodo quanto à relação de Felipe e Bianca, alegando que o marido apontava seus defeitos, zombando e incentivando a filha a zombar dela também. Carter e McGoldrick (1995) dizem que quando ocorre a mudança do ciclo de vida familiar para o estágio de filhos pequenos, é necessário que os pais avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais nova. Como dito anteriormente, nesse novo momento, são comuns as brigas conjugais quanto a assumir responsabilidades, bem como a recusa ou incapacidade de se comportarem como pais de seus filhos.

Como problema central, presente na maioria dos conflitos conjugais apresentados nesse estágio, as fronteiras mal estabelecidas frequentemente levam a queixas de disfunção sexual e depressão. Em consequência, o estágio de filhos pequenos é a fase do ciclo de vida familiar que possui índice mais elevado de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995).

Partindo-se da ideia de que a transmissão de padrões de uma geração a outra ocorre em todas as famílias (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973; Bowen, 1978), e que a influência desses transmissores familiares independe da interação com a própria família (Williamson, 1982), concluiu-se que tanto Paula, que convive muito próxima de seus familiares (salvo de seu pai), quanto Felipe, que convive distante, serão influenciados por suas respectivas famílias de origem sob o ponto de vista transgeracional.

Durante inúmeros momentos das sessões, percebeu-se a busca inconsciente de Felipe e Paula por esses padrões transgeracionais, na tentativa de resolver os conflitos estabelecidos. Ambos deixaram escapar o desejo de divórcio como alternativa aos problemas conjugais. Todavia, ao visualizarem as histórias de seus ancestrais por meio do genograma, narrativas e intervenções vivenciadas, começaram a perceber e reconhecer as semelhanças, confirmando-se o que Bowen diz sobre o entendimento ser o veículo de cura, na medida em que os atores vão conhecendo mais sobre si mesmos e sobre seus relacionamentos.

Ao investigar-se as gerações anteriores, entrevistou-se que, embora Conceição, mãe de Paula, tivesse passado por um processo de divórcio e encarado muitas dificuldades para criar os filhos sozinha, hoje está casada com um homem bem-sucedido profissionalmente, o qual provê todas as suas necessidades, não obstante ajudar sua filha e genro financeiramente com o aluguel, compra de carro e algumas eventualidades. Além do aspecto financeiro, Conceição também cuida das netas durante o dia para que sua filha e seu genro possam trabalhar. O mesmo fez a avó de Paula por Conceição quando esta se divorciou: fornecia assistência aos netos para a filha trabalhar, além de ajudar financeiramente quando necessário.

Paula demonstrou enxergar seu marido da mesma forma que sua mãe enxergava seu pai. Um homem grosseiro, sem iniciativa, não companheiro, acomodado profissionalmente e que deixava toda a administração da família na responsabilidade da mulher: *“Parece que eu sou o homem. Quero que o Felipe vire homem”*.

Por mais que Felipe ajudasse com as tarefas domésticas e com as demandas das crianças, por mais que acompanhasse a esposa em compromissos sociais, por mais que fosse fiel e honesto, entre tantas outras virtudes, os defeitos semelhantes aos do pai sobressaíam-se aos olhos de Paula. A esposa afirmou não se sentir suprida emocionalmente pelo marido, alegou não haver comunicação e nem companheirismo e ser tratada com grosseria todo o tempo.

Quem sabe se, ao se separar de Felipe, Paula poderia encontrar um homem provedor tal qual seu padrasto, a quem tanto admira. Uma vez que deu certo para sua mãe, quem sabe, poderia dar certo para ela também. Nesse ponto, presumiu-se que, entre outras questões, as escolhas feitas por Conceição, bem como os resultados decorrentes, influenciaram Paula a considerar



o divórcio como solução para seus conflitos conjugais, confirmando o que Andolfi (2019) diz sobre os filhos buscarem nos pais os modelos que irão imitar. Quando levantada essa hipótese pela terapeuta, Paula manteve-se pensativa por um breve instante e, em seguida, disse: *“O que eu faço para não repetir a história da minha mãe? Eu quero viver uma história diferente”*.

Paula relatou ter um relacionamento conturbado com a mãe. Afirmou que “antigamente era pior”, mas que “aprendeu a relevar”. Disse sentir “agonia” da mãe quando esta começava com seus “discursos de vítima”. Paula contou que Conceição sentia-se uma “coitada”, e contou também que precisava tomar cuidado com a forma de se dirigir a ela para não a magoar. Em uma das sessões, muito aflita, Paula relatou que estava preocupada com a filha mais velha, a qual vinha tendo reações excessivamente dramáticas, verbalizando frases, tais como *“ninguém me ama, ninguém se importa comigo”*. Sem hesitar, a terapeuta lhe questionou: *“Como ela está aprendendo a reagir assim?”*. Paula refletiu, e, em seguida, afirmou que, possivelmente com sua mãe, já que sua filha passava grande parte do dia com Conceição.

Durante as sessões de terapia, foi possível perceber essa dramatização excessiva também nos discursos de Paula. Sempre que era levada a olhar para sua parte da responsabilidade pelos problemas conjugais, Paula respondia se vitimando e justificando suas atitudes e reações como consequências das faltas do marido, fazendo dele o grande algoz: *“Eu não tenho ninguém! Eu não posso contar com minha mãe para desabafar, eu não tenho mais nenhuma amiga e, além disso, meu marido não é companheiro”*, disse Paula com lágrimas nos olhos. Na tentativa de tirar Paula desse papel de vítima que insistia em se sobressair, foi-lhe perguntado: *“E a responsabilidade por isso é de quem, Paula?”*. Gaguejando, ela respondeu: *“Minha”*, e, furiosa, calou-se.

Terapeuta: *“O Felipe não tem como ser sua mãe, sua amiga e seu marido ao mesmo tempo. Ficaria muito pesado para ele”*.

Sem perceber, as pessoas deslocam para a família nuclear as carências que trazem da família de origem, com a expectativa de que o outro as complete. Nos familiares estão concentrados vários personagens do passado de cada indivíduo. Afinal, quem de nossa família estaríamos procurando nos nossos relacionamentos? (Groisman, 2012).

Paula pleiteou em não reconhecer sua parte nas responsabilidades pelos problemas conjugais. Admitiu alguns erros, porém, esforçando-se em deixar claro que o marido era o grande responsável por sua infelicidade. Insistiu em reafirmar que: somente se Felipe mudasse, é que as coisas poderiam ser diferentes.

Terapeuta: *“Talvez eu possa estar enganada, mas percebo que você reage se vitimando, assim como você fala que sua mãe faz e que sua filha está fazendo. Você consegue perceber essas reações idênticas de mãe, filha e neta?”*.

Paula: *“Sim”*.

Terapeuta: *“Como você se sente quando sua mãe age assim?”*

Paula: *“Agonia”*.

Terapeuta: *“E como será que Felipe se sente quando você reage assim?”*

Paula, mais uma vez, calou-se, permanecendo pensativa.

Terapeuta: *“Paula, em um relacionamento, muitas vezes, nós somos responsáveis por gerar no outro exatamente aquilo que nós odiamos que o outro faça. A mudança que você tanto espera que aconteça em seu casamento depende muito mais de você do que você imagina”*.

Como dito anteriormente, uma das persistentes queixas de Paula estava relacionada à grosseria de Felipe com ela e com todos ao redor, tema esse emergido em muitas das sessões: *“Ele é grosso com todo mundo, parece com meu pai na grosseria e em como ele trata as mulheres da vida dele”*. Ao ser questionado sobre como aprendera a ser “grosso”, Felipe respondeu que



havia sido com o pai. Disse que seu pai sempre fora grosseiro com sua mãe e com os filhos. Seu padrasto também era muito grosseiro. Felipe falou que queria ser diferente do pai e que se esforçava para isso.

Wagner (2014) defende que a tentativa de contrariar o modelo familiar pode fazer com que sujeito acabe por deparar-se com uma versão diferente de uma mesma situação e, sob outro aspecto, passe a sofrer consequências semelhantes àquelas derivadas do padrão vivenciado na família de origem. Por essa razão, a compreensão teria tanta importância e poderia trazer a liberdade de escolha sobre a realidade que se desejaria construir.

Nas últimas sessões, Felipe vinha reconhecendo sua grosseria e dizendo que estava se esforçando para um “*novo Felipe nascer*”. Que não sabia de onde vinha tirando forças, mas que estava se esforçando para ser paciente com suas filhas e com seus colegas de trabalho. Afirmou estar tentando também ser mais carinhoso com a esposa, embora tenha dito que, muitas vezes, Paula não retribuísse ou o ignorasse suas tentativas. Nesse sentido, Nichols e Schwartz (2007) relatam que o casal tem a fronteira preservada pela criação de momentos que passarão juntos, sem os filhos, uma necessidade que se observava na relação de Felipe e Paula.

Em uma das sessões, Felipe contou ser ele quem acorda de madrugada para dar a mamadeira para a filha e que, quando as filhas acordam de manhã, é ele quem se levanta para que a esposa possa dormir mais. Relatou estar cansado e infeliz com o casamento. Que muitas vezes só se mantinha casado por causa de Deus e das filhas: “*Eu sei que eu sou chato, mas não sou um monstro. Eu só queria poder fazer sexo e dormir até mais tarde de vez em quando. Será que isso é querer demais?*”

Paula reclamava que Felipe fazia tudo o que sua mãe e irmãos lhe pediam. Falava que eles eram “uns acomodados”. Talvez fosse esse o mesmo pensamento que tivesse sobre Felipe, na medida em que dizia que ela fazia tudo e ele não fazia nada, mesmo que, após refletir, reconhecesse que Felipe era um grande companheiro nas questões da casa e das filhas.

Como relatado previamente, Paula afirmava parecer ser ela o homem da casa e que gostaria que Felipe “agisse como homem”. Em contrapartida, Felipe reclamava que Paula gostava de se impor. Disse que ela era boa em mandar e dar ordens. Enquanto Paula agia como mãe, Felipe agia como filho. Ela dava a ordem, ele obedecia. Assim, Felipe demonstrou estar assumindo o papel de filho, enquanto Paula, o de mãe, função essa que aprendera ainda pequena, ao afirmar se sentir como mãe de seu irmão, logo após o divórcio de seus pais.

Cada pessoa pode exercer diferentes papéis dentro de uma família: pai, mãe, irmão, tio, avô. Todavia, nem sempre esses papéis correspondem aos indivíduos que convencionalmente são designados como seus depositários. Nesses termos, Osório (2013) elucida que, no papel conjugal, pressupõe-se a interdependência do casal, além do compartilhamento de tarefas e do mútuo preenchimento dos desejos e necessidades de cada um. O desejo de Felipe era ter uma vida sexual mais ativa com sua esposa. O desejo de Paula era ser tratada sem grosseria pelo marido. Disfarçados de desejos, os conflitos conjugais vinham à tona.

Quanto mais Felipe se empenhava em fazer tudo o que a esposa solicitava, com intuito de ter, então, sua recompensa (sexo), mais distante como casal eles se tornavam, afinal, Paula não desejava um filho obediente. No entanto, empenhava-se em ocupar o papel daquela que dá as ordens. Já Felipe, o papel de cumprir as ordens. Era tão submisso a Paula quanto fora a sua mãe. Quiçá fosse essa a razão de Paula estar grávida do terceiro rebento, concebido justamente no único dia daquele mês que tiveram relação sexual. Porquanto, antes mesmo de nascer, a criança já seria depositária de uma série de expectativas advindas de gerações passadas (Stierlin, 1981), ou de projeções da família extensiva, pais e avós (Bowen, 1978).

Diante desse entendimento, a gravidez indesejada, porém, abraçada, talvez fosse um grito de socorro para que os papéis fossem restabelecidos. Uma forma de Paula dizer a Felipe que ela era sua esposa, mãe de seus filhos, e de Felipe dizer a Paula que ele era seu cônjuge, pai de seus três filhos. Pressupõe-se que, após duas meninas, agora um menino – tão almejado desde



a primeira gestação – viria ao mundo para cumprir uma árdua missão: fazer Felipe ser para o seu filho homem o pai que ele não teve, ou ser para Paula o esposo que sua mãe desejava e merecia ter tido. Paula, por sua vez, agora teria um filho homem real, o qual saberia bem como educar para se tornar o homem ideal, então, não precisaria mais projetar seu irmão ou seu pai em seu marido. Em outros termos, a criança teria a missão de restabelecer os papéis de seus pais.

Andolfi considera que a conta entre pais e filhos permaneceria aberta, até mesmo quando os filhos, agora adultos, formam uma nova família. Em alguns casos, a dívida seria compensada pelo advento de uma terceira geração, oferecida como presente para a primeira, como garantia de reembolso do que foi recebido (Andolfi, 2019).

Sob a perspectiva transgeracional, a escolha do cônjuge seria entendida como uma tentativa de busca de equilíbrio no relacionamento com a família de origem e de revisão de questões do passado que não estariam bem resolvidas. (Falcke, Wagner & Mosmann, 2014). Em relação a essas questões temporais, Moisés Groisman disserta quanto à importância de se desvendar as semelhanças do que acontece hoje na família nuclear e compará-las com o ontem da família de origem. Ao tornar-se consciente do que estaria preparado para seu futuro, o sujeito encontrar-se-ia apto a modificar o rumo de sua vida: “Precisamos nos despedir dos familiares e de seus substitutos a vida toda, a fim de desligar-mo-nos um pouco mais do passado, para liberarmos o presente e ter um futuro diferente dos antepassados” (Groisman, 2012, p. 153).

Andolfi (2019) postula que desde a infância as experiências vividas com as figuras significativas do mundo familiar vão sendo gravadas no indivíduo. Essas experiências, que envolvem a cultura, a moral e os valores das gerações anteriores, vão influenciando, sem que o sujeito perceba, as suas decisões e as suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais, entre outras. Figurativamente, seria como se todas as pessoas tivessem vozes familiares gravadas no seu interior. No entanto, a diferença de uma pessoa para outra estaria na quantidade, na intensidade e no grau de compreensão, ou mesmo, no volume dessas vozes, questões essas que ditariam a dimensão da influência na vida do sujeito.

Felipe e Paula decidiram abaixar o volume dessas vozes e viver uma história diferente daquela dos seus pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos períodos de crise do ciclo evolutivo vital, pode haver acúmulo de estresse no núcleo familiar, quando o sujeito se depara com questões de sua família de origem, o que explica a influência da transgeracionalidade no ciclo vital da família constituída por Felipe e Paula. Esses momentos podem levar a uma estagnação ou, por outro lado, podem ser impulsionadores de mudanças. Sob o olhar sistêmico, foi possível observar que Felipe e Paula conseguiram avançar quanto às queixas iniciais que lhes fizeram buscar ajuda terapêutica e o quanto a terapia de casais foi eficaz para se trabalhar a relação conjugal e a diferenciação de suas famílias de origem. Agora, alcançando a diferenciação do self, poderão ter maior autonomia na maneira de conduzir a família nuclear e seus subsistemas. Por sua vez, o genograma mostrou-se ferramenta eficaz para se obter informações e enriquecer as narrativas dos pacientes através de uma representação visual e gráfica do sistema familiar, permitindo que o casal entendesse o contexto familiar transgeracional que se encontrava inserido, vertical e horizontalmente. Esse entendimento proporcionou que mudanças pudessem ocorrer, resultando em uma melhor demarcação de fronteiras conjugais e parentais, bem como no desempenho dos devidos papéis. O casal compreendeu e optou por não mais copiar das gerações anteriores o modelo de paternidade e de conjugalidade que outrora vinham cegamente obedecendo.



CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização: Dal Bello L, Marra MM; Metodologia: Dal Bello L, Marra MM; Redação de Investigação - Minuta Original: Dal Bello L; Redação - Revisão e Edição: Dal Bello L; Recursos: Dal Bello L; Supervisão: Marra MM.

REFERÊNCIAS

- Andolfi, M. (2019). *A terapia familiar multigeracional: instrumentos e recursos do terapeuta*. Belo Horizonte: Editora Artesã.
- Boszormenyi-Nagy, L., & Spark, G. M. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in intergenerational family therapy*. New York: Harper & Row.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In Penso, M. A. & Costa, L. F. (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (1ª ed., pp. 76-96). São Paulo: Summus.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *Mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.) (pp. 7-29). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Ceberio, M. R. (2004). *Quién soy y dónde vengo: el taller de genograma*. Buenos Aires: Tres Haches.
- Celestino, V. R. R., & Bucher-Maluschke, J. S. (2015). Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. *FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão*, 18(3), 318-329. Recuperado de <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/1109/865>
- Churchman, C. W. (2015). *Introdução à teoria dos sistemas*. Brasil: Editora Vozes.
- Durvall, E. M. (1977). *Marriage and Family development* (5th ed.). Philadelphia: Lippincott.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In Wagner, A. (Coord.), *Como se perpetua a família? a transmissão dos modelos familiares* (1ª ed., pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Falcke D., Wagner A. & Mosmann C. (2014). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In Wagner, A. (Coord.), *Como se perpetua a família? a transmissão dos modelos familiares* (1ª ed., pp. 67-80). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Groisman, M. (2012). *Família é Deus: descubra como a família define quem você é*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas.
- Marienal, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno – 1889-1974: pai do psicodrama, do sociodrama e da terapia de grupo*. São Paulo: Ágora.
- Marra, M. M. (2008). A transmissão geracional segundo Jacob Levy Moreno. In Penso, M. A. & Costa, L. F. (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (1ª ed., pp. 57-75). São Paulo: Summus.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Pellegrini, P. G., Silva, I. M., Barreto, M., & Crepaldi, M. A. (2015). Diferenciação do adulto jovem: Um estudo de caso em atendimento familiar. *Pensando Famílias*, 19(1), 114-129. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n1/v19n1a10.pdf>

Penso, M. A., & Costa, L. F. (2008). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (1ª ed.). São Paulo: Summus.

Penso, M. A., Costa, L. F., & Ribeiro, M. A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão geracional e do genograma. In Penso, M. A. & Costa, L. F. (Orgs.), *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (1ª ed., pp. 9-23). São Paulo: Summus.

Rodgers, R. (1960). *Proposed modifications of Durvall's family life cycle: A critique and proposal*. Journal American Sociological Association Meeting, New York.

Seixas, M. R. D. (2010). A violência transgeracional no caso Raul: exemplo de competente trabalho terapêutico em rede. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 12(2-3), 225-237. Recuperado de https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=33

Stierlin, H. (1981). *Dalla psicoanalisi ala terapia dela famiglia*. Tr. It. Boringhieri, Torino.

Tan, A. (1989). *The Joy Luck Club (novel)*. New York: G. P. Putnam's Sons.

Visher, E. B & Visher, J. (1979). *Stepfamilies: A guide to working with stepparents and stepchildren*. New York: Brunner/Mazel.

Vitale, M. A. (2004). Trabalho psicodramático com genograma em terapia de casais. In Vitale, M. A. (Org.), *Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama* (pp. 234-250). São Paulo: Ágora.

Von Bertalanffy, L. (2008). *Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis: Vozes.

Williamson, D. S. (1982). Personal authority in family experience via termination of the intergeracional hierarchical boundary: part III – personal authority defined and the power of play in change process. *Journal of Marital and Family Therapy*, 8, 309-323.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (5ª ed.). Porto Alegre: Bookman.